

# Motrivivência

Revista de Educação Física, Esporte e Lazer  
LaboMídia

## Ser-esportista: a experiência vivida no nado artístico por uma atleta com síndrome de Down

### RESUMO

Historicamente, as práticas corporais foram negligenciadas para a pessoa com deficiência justificada por paradigmas cartesiano e mecanicista de corpo. Apenas em meados do século XX que instituições e políticas públicas alertaram que àquelas deveriam ser para todos. Ainda que paulatinamente, a pessoa com deficiência passou a integrar o mundo esportivo, inclusive o de alto rendimento. Afoitos para dar voz (e ouvidos) a esses protagonistas, este artigo identifica, descreve e reflete sobre a experiência vivida por uma atleta com Síndrome de Down praticante do nado artístico. Por meio da pesquisa qualitativa fenomenológica, realizaram-se duas entrevistas cujas perguntas versaram sobre a experiência nas sessões de treino e eventos esportivos. Dois eixos foram salutar para a discussão: a. essência do esporte; b. eu-outro-mundo que alertaram sobre a efetiva identidade da nadadora com os preceitos filosóficos do esporte: transcendência, autossuperação e relação com os outros no fazer esportivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esportes para pessoas com deficiência; Esportes aquáticos; Síndrome de down; Filosofia

### Marina Ferraz de Toledo Nigosky

Graduanda em Educação Física  
Universidade de São Paulo, Depto. de Esporte,  
São Paulo, SP, Brasil  
[marina.nigosky@usp.br](mailto:marina.nigosky@usp.br)  
<https://orcid.org/0009-0002-9109-4040>

### Enoly Cristine Frazão da Silva

Mestranda em Ciências  
Universidade de São Paulo, Depto. de Esporte,  
São Paulo, SP, Brasil  
[enoly@usp.br](mailto:enoly@usp.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-4560-8138>

### Lionela da Silva Corrêa

Doutora em Ciências  
Universidade Federal do Amazonas,  
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia,  
Manaus, AM, Brasil  
[lionela@ufam.edu.br](mailto:lionela@ufam.edu.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-2237-5359>

### Michele Viviene Carbinatto

Pós-Doutora em Educação  
Universidade de São Paulo, Depto. de Esporte,  
São Paulo, SP, Brasil  
[mcarbinatto@usp.br](mailto:mcarbinatto@usp.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-6598-9938>

## **Being-sports human: lived experience by a disabled athlete with Down syndrome in artistic swimming**

### **ABSTRACT**

Historically, body practices have been neglected for disabled people, justified by cartesian and mechanistic paradigms of the body. It was in the middle of the 20<sup>th</sup> century that institutions and public policies warned that those should be for everyone. Gradually, the disabled people were integrated into the sporting world, including high-performance. Eager to give voice (and be heard) to these people, this article identifies, describes, and reflects on the lived experience by an athlete with Down Syndrome who practices artistic swimming. Through phenomenological qualitative research, two interviews were conducted whose questions dealt with the experience in training sessions and sporting events. Two themes were discussed: a. the essence of sport; b. me-other-world that warned about the effective identity of the swimmer with the philosophical precepts of the sport: transcendence, self-overcoming and relationship with others in sports.

**KEYWORDS:** Sports for persons with disabilities; Water sports; Down syndrome; Philosophy

### **Ser-deportista: experiencia vivida en el nado artístico por una atleta con síndrome de Down**

### **RESUMEN**

Históricamente, las prácticas corporales han sido negligenciadas para las personas con discapacidad, justificadas por paradigmas cartesianos y mecanicistas del cuerpo. Fue recién a mediados del siglo XX que las instituciones y las políticas públicas advirtieron que aquellas debían ser para todos. Aunque paulatinamente, la persona con discapacidad fue integrándose al mundo deportivo, incluido el de alto rendimiento. Deseoso de dar voz (y oídos) a estos protagonistas, este artículo identifica, describe y reflexiona sobre la experiencia vivida por un atleta con Síndrome de Down que practica nado artístico. A través de una investigación cualitativa fenomenológica, se realizaron dos entrevistas cuyas preguntas versaron sobre la experiencia en sesiones de entrenamiento y eventos deportivos. Dos ejes fueron saludables para la discusión: a. la esencia del deporte; b. eu-otro-mundo que advertía sobre la identidad efectiva del nadador con los preceptos filosóficos del deporte: trascendencia, superación y relación con los demás en el deporte.

**PALABRAS-CLAVE:** Deportes para personas con discapacidad; Deportes acuáticos; Síndrome de down; Filosofía

# INTRODUÇÃO

Pouco mais de 6 da manhã. Toco a água com as pontas dos pés e sinto um calafrio. Ao invés de afastar-me, me apego. Ela brilha e conversa comigo. Sua calma é um convite. Salto. Ouço. Sinto. O frescor passando pela pele. O peso irrelevante. O pensamento abstraído-se...  
(Michele V. Carbinatto)

Ser e estar no mundo é intrínseco à existência do corpo no mundo vivido. Pelo experienciar, o corpo acolhe contextos, interpreta preceitos e justifica seus movimentos (MERLEAU-PONTY, 2018). Dos variados contextos e locais, o corpo foi recebendo adjetivações e tratamento conforme interesses de cada época e, nas premissas corpo-água, alusões a essa relação foram sendo incorporadas.

Sendo assim, se a prática corporal no meio líquido indicava caminho para a sobrevivência no mais elementar da vida, ela também dava subsídios aos alimentos em comunidades ribeirinhas. Se revelava sustento financeiro a quem recolhia pérolas, primou pelo ócio nos momentos de lazer. Se instigou à manutenção para uma vida ativa, refletiu a perfeição dos gestos no alto rendimento esportivo. À vista disso, as práticas corporais no meio líquido foi se fazendo e refazendo concomitante ao desenvolvimento da própria humanidade.

Na esteira do que chamamos “evolução”, o meio aquático – já amplo por si só – se abriu ao ser-humano: alcance a todas as idades; revelação a todos os propósitos, incorporação para todos os níveis técnicos. Pelas prerrogativas da corporeidade, o corpo vivido no mundo líquido prima pela experiência da relação eu-corpo-mundo, expandindo a execução doravante instintiva, para o da eficiência mecânica e, mais atualmente, sensível e expressiva a fim de transcender aspectos instrumentais de técnica e estética (MELO, 2022).

Ainda que contextualmente complexo, uma dada prática corporal pode (e deve) ser experienciada por e para todos e todas. Este artigo revela, pois, o mundo vivido em uma atividade aquática por uma pessoa com deficiência: o nado artístico e a experiência vivida por uma pessoa com Síndrome de Down no alto rendimento.

## **Nado artístico e a pessoa com deficiência**

No campo da Educação Física e Esporte há diferentes práticas corporais que acontecem no meio líquido: a natação e seus quatro estilos clássicos (crawl, costas, peito e borboleta), a

hidroginástica, o polo aquático, o *deep runner*, o kitesurf, a canoagem, salto ornamental e o mergulho livre são algumas delas.

A sistematização e a codificação em um regulamento específico levaram o status de algumas dessas ao de esporte. Eficiência aportadas em preceitos do corpo-máquina e comparações advindas de ideais mercadológicos demarcaram a sua forma. Ligeiramente, modelos de corpos apresentados a cada prática. O alto, o forte, o flexível ditava a prática a ser seguida. O submisso e o menos nobre também. Em todos, padrão ditaram o fazer esportivo: corpos em todas as suas alavancas e membros (NÓBREGA; CAMINHA, 2019). Por conseguinte, o corpo da pessoa com deficiência, estigmatizado (CARBINATTO, 2022).

O mesmo aos eventos esportivos. Por vezes, a variabilidade entre festivais, torneios e campeonatos foi direcionado, apenas, à premiação: medalha a todos, medalha aos três primeiros. Quanta ingenuidade! Potencialidade dos eventos diminuída pelo produto. As pessoas com deficiência por não representarem o ideal atlético, eram afastadas dos eventos competitivos. Vieses capacitistas adentraram os argumentos (SALERNO; MIYASHIRO, 2022).

Apartados de amarras dualistas, a contemporaneidade inaugurou novos olhares ao corpo e as práticas corporais. A corporeidade, iminente nos preceitos merleau-pontyano, revelaram na unidade corpórea os seus argumentos (MERLEAU-PONTY, 2018). Físico, mental, espiritual, cognitivo são corpo e nele as percepções vividas. Ser consigo mesmo, com o outro e com o mundo sobrepõem-se a moldes. O sujeito é retomado a si mesmo e o olhar contra hegemônico alimentado.

As primeiras iniciativas das práticas corporais para pessoas com deficiência ocorreram no âmbito das terapias (GORGATTI; COSTA, 2005). No quesito esportivo, apesar de demarcado o Hospital de Stoke Mandeville em que o médico Ludwig Guttmann oferecia práticas esportivas para o tratamento e resgate da qualidade de vida a soldados de guerra (SERON; GREGUOL, 2020) há indicativos da natação e ginástica para alunos com deficiência visual na escola de Perkins (Boston) desde 1838 (SILVA; WINCKLER, 2019). Revoga-se, então, a ideia de corpo inútil e incapaz, para corpos (sujeitos que são) que, também, podem praticar esporte.

Consequentemente, as práticas corporais, como os esportes, tiveram o discurso “para todos” enfatizado. Se ainda que o esporte para todos (EPT) tenha suas raízes em discursos para minorias de classes sociais, no final do século passado ampliou-se para a crítica quanto a sua vinculação aos negros, indígenas, transexuais e, para a pessoa com deficiência (SERON, *et al.*, 2021). Intrínseco a esse movimento, os eventos esportivos. Se as características inerentes às da deficiência as afastam da competição direta para com a pessoa sem deficiência, eventos específicos a esse público passaram a ser concebidos.

A seguir, os eventos esportivos passaram a ser consolidados. Nos Estados Unidos, beisebol (1870), futebol americano (1885), basquetebol (1906) e *Goalball* passaram a ser modalidades com competição para escolares com deficiência (WINNICK, 2004; BENFICA, 2012; Da SILVA; WINCKLER, 2019). Se a projeção inicial dos eventos esportivos para pessoa com deficiência não é computada a Guttman, não há dúvidas que o alcance mundial da prática sim. Sua influência no esporte do Reino Unido elevou a competição da escola de Mandeville para uma organização ampliada, suscitando na primeira do que, hoje, consideramos os Jogos Paralímpicos (JP) (TORRI; VAZ, 2019). Em adição, as Olimpíadas Especiais abriram-se para outras práticas não abarcadas nos JP como àquelas de cunho artístico-estético como a ginástica artística e rítmica e a Surdolimpíadas, que atenta especificamente para as modalidades a esse público.

Na perspectiva do rendimento, houve o aprimoramento da classificação das deficiências em prol da competição justa. Avaliação clínica, técnica e de observação em competições compõem a relação atleta/categoria (CPB, 2023). Ainda que críticas apareçam sobre esses modelos, como a subjetividade dos processos classificatórios (HOWE; JONES, 2006) e a armadilha da excessiva categorização (CARDOSO; GAYA, 2014) reconhece-se o seu aprimoramento para garantia da competitividade, valor nuclear, no esporte.

Quando voltamos nosso olhar a experiência no nado por uma pessoa com deficiência intelectual, nos referimos a uma pessoa com restrição do funcionamento intelectual ou comportamento adaptativo no que tange a habilidades conceituais, sociais ou práticas no cotidiano e diagnosticado antes dos 22 anos (AAIDD, 2023). Destaca-se que, entre as deficiências intelectuais, está a Síndrome de Down.

Dentre as modalidades aquáticas que já são oferecidas para a pessoa com deficiência com a perspectiva esportiva, está o nado artístico. Considerado jovial dentre os esportes adaptados, o nado artístico adaptado surgiu há cerca de 30 anos no Japão, apesar da prática para pessoa sem deficiência ser datada de 1891 na Alemanha como balé artístico, 1933 como nado sincronizado, 1952 como demonstração nos Jogos Olímpicos de Helsinque e 1984 com validade de pódio nos JO de Los Angeles (DALL'ACQUA; DALL'ACQUA, 2016).

Considerado como esporte técnico-combinatório (BRASIL, 2017), o nado artístico combina habilidades da natação e do balé clássico e, por tal, se aproxima de práticas como a patinação artística e ginásticas artísticas e rítmicas (SANTOS *et al.*, 2013; FUGITA; PONCIANO, 2013). A demonstração do nado ocorre pela apresentação de uma coreografia em que dança, acrobacias, figuras acrobáticas e nado são observadas tanto individual, quanto coletivamente. Ademais, força, resistência, flexibilidade, ritmo, percepção corporal e controle da respiração (apneia) são característicos da mesma (LEITE, 2013).

No Brasil, o nado artístico adaptado, começou com um projeto piloto em 2014 na Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) com objetivo de promover a inclusão social das pessoas com deficiência por meio do nado artístico. Em 2016 foi fundado o *Inspira*, o primeiro instituto especializado em nado artístico para pessoas com deficiência no país, inclusive, sua prerrogativa do rendimento.

Em suma, o movimento do/s esporte/s para a pessoa com deficiência está em curso. Revisão de conceitos, reescritas de documentos institucionais (BARROZO *et al.*, 2012; BRASIL, 2015), reformas arquitetônicas e normativas para construção civil (BRASIL, 2015), atenção a processos educativos e individualização do ensinar e aprender têm trilhado abertura mais efetiva para a inclusão da pessoa com deficiência no esporte.

No âmbito específico dos estudos temáticos, lacunas a serem preenchidas. Da Silva e colaboradores, *no prelo*, indicam, por exemplo, que dos 175 estudos sobre competição esportiva publicados em revistas brasileiras entre 2010 e 2021, apenas 6 tinham a pessoa com deficiência como protagonista do estudo. De maneira mais específica, ainda carecem de estudos no campo das ginásticas, quer seja nos artigos (CARBINATTO *et al.*, 2016), quer seja nas teses e dissertações (LIMA *et al.*, 2016). O mesmo intercorre na natação, cujas análises para populações especiais (dentre estas, a pessoa com deficiência) foram notadas em, apenas, 12,9%, de 232 artigos publicados em língua portuguesa entre 2013-2016 (SOUZA *et al.*, 2022). Na perspectiva de modalidades olímpicas e paralímpicas, ao analisarem 2.007 artigos publicados entre 1978 e 2015 em revistas brasileiras sobre estas temáticas, Souza, Silva e Moreira (2016) perceberam apenas 2,6% em modalidades paralímpicas. Na proposta de análises de esportes coletivos para pessoa com deficiência (n=348 artigos), Simim e pesquisadores (2018) não obtiveram dados sobre atividades aquáticas (pólo ou nado artístico, por exemplo). Esses estudos revelam, pois, a incipiência no trato do esporte para a pessoa com deficiência nas Ciências do Esporte do Brasil.

Desse modo, revisitar concepção de corpo é revisitar, pois, como esses corpos são vistos. Se outrora o corpo com deficiência era descartado, ignorado, sinonimizado ao pecado/pecador ou objeto de estudos, passa a ter, ou melhor, ser vida (CARBINATTO, 2022). Neste artigo, damos à luz a experiência vivida por eles. No caso, a uma nadadora do nado artístico. Argumentando sobre os receios, preceitos e vivências que convergiram para o mais essencial da prática esportiva, o olhar fenomenológico aqui exposto pareceu singular ao debate científico contemporâneo na área da EF e Esporte.

## **MATERIAL E MÉTODO**

Este estudo toma como base a pesquisa qualitativa fenomenológica que propõe um caminho descritivo e rico em detalhes para explicar a essência no núcleo investigado, relatando o espaço, o tempo e o mundo vivido (BICUDO, 2011; SANTOS; RAIMUNDO, 2017). Portanto, instigadas por essa abordagem, identificamos palavras, conceitos, imagens e interpretação do discurso para compreender os fenômenos que envolvem o ser, mas, e sobretudo, sua relação eu-outro-mundo. Neste caso específico, do corpo que pratica nado artístico.

### **Local do Estudo**

Vertemos nossos esforços para uma Organização Não-Governamental (ONG) reconhecida como a primeira organização que incentiva e promove a participação de pessoas com deficiência no nado artístico. As aulas ocorrem duas vezes na semana, com duração de uma hora e trinta minutos cada, no Centro de Treinamento Paralímpico/ São Paulo.

### **Protagonista do Estudo**

Uma atleta de nado artístico da referida ONG foi selecionada por conveniência, que compreendeu os critérios: adulta, com Síndrome de Down, sexo feminino, participante de eventos diversos do nado artístico e possuidora de habilidades e competências para comunicação independente ou com pouco auxílio para articular experiência e discurso.

Como a própria atleta revela “eu sou realmente uma sereia”, para garantias éticas, dispomos neste trabalho do uso do pseudônimo “Ariel”, como referência a marcante personagem dos desenhos da Disney.

### **Construção dos dados**

Obtivemos a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP): 5913142.2.0000.5391. A construção foi organizada em três momentos:

1. Preenchimento de um questionário informativo com perguntas fechadas, que nos deu informações sobre a deficiência, gênero, data de nascimento, experiência anterior no esporte; experiência no nado artístico; experiência em eventos na área.
2. Encontro com a realização de uma entrevista fenomenológica: Partimos o diálogo com contextos gerais sobre a experiência em si, atentas a ouvirmos a atleta.
3. Para este estudo, a pergunta estopim foi: Conte-me sobre a sua experiência no nado artístico (inferências sobre as sessões de treinos, eventos de viés festivo ou viés

competitivo poderão ser questionados; percepções sobre o que nado artístico significa para ela e sensações fazendo a atividade.

4. Método Visual: em um segundo encontro, solicitamos que a atleta trouxesse artefatos (objetos, fotos, jornais, revistas, dentre outros) que representassem a sua experiência no nado artístico. A protagonista escolheu fotos dela na água; fotos dela com medalha; medalhas; crachá de credenciamento de evento e maiô. Para cada artefato ela contou mais da experiência, ampliando significativamente os dados da pesquisa.

## **Análise dos Dados**

Após a transcrição integral das entrevistas nos debruçamos sobre a análise fenomenológica, seguimos as etapas (NÓBREGA, 2010):

1. Análise em síntese: leitura exaustiva do relato, destacando as experiências significativas da participante e discursos que correspondessem aos nossos objetivos, criando as unidades de sentidos que destacavam aspectos definidores do fenômeno investigado.
2. Redução fenomenológica ou redução eidética: processo rigoroso e gradual, no qual o desfizemos das atitudes naturais para identificar a estrutura-base da vivência, aquilo que torna evidente a essência do fenômeno e como ele se manifesta. Trata-se de uma análise intencional para identificar as determinações secundárias e causais, as ideias e sentidos do fenômeno e excluí-las, considerando e descrevendo somente aquilo que identifica o fenômeno.
3. Cruzamento intencional: as unidades de significados foram cruzadas procurando relações e semelhanças entre os relatos.
4. Redução transcendental: conclusões da pesquisa, em que fazemos uma descrição fenomenológica do fenômeno estudado

## **Validade e confiabilidade dos dados**

Para “reduzir o risco que as conclusões do pesquisador reflitam apenas os vieses sistemáticos” (MAXWELL, 2005, p. 93), fizemos uso da triangulação de dados com as informações das diferentes entrevistas, verificando as similaridades entre os dados. Ademais, a condução de uma análise fenomenológica fidedigna exige que o pesquisador analise o fenômeno pelo fenômeno, pois não é ele e nem as suas convicções que serão expostas, mas a pureza do testemunho do entrevistado. Assim, para evitar intervenção pessoal do pesquisador, os dados foram submetidos à revisão por pares. Um pesquisador externo e o orientador avaliaram a coleta, a forma de análise e os resultados, o que foi salutar para coibir enviesamento.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

Paulistana nascida e residente, a atleta tem 19 anos e seu primeiro contato com água aconteceu ainda na infância. De pele branca, podemos considerar que Ariel (seu pseudônimo, neste artigo com referência à sereia da história infantil) era privilegiada e pode crescer com o apoio interdisciplinar que permitiu que suas potencialidades fossem enfatizadas.

Aos 14 anos, conheceu a ONG e mergulhou, literalmente, mais fundo. Percebeu que as práticas com viés artístico e estético lhe fascinavam. Tanto que o inter mundo de Ariel-piscina se fundiram. Para ela, “o treino é a minha casa”, “já é a minha casa” (discursa com tom de empolgação); “fico à vontade lá!”.

Por meio da análise fenomenológica, as reflexões apresentadas direcionam nosso pensar esportivo para além do visível e resultado mecânico (CARDOSO, 2011; TORRI; VAZ, 2019), afinal, “a ementa de motivações para a prática desportiva é inesgotável. E isto porque se umas são de ordem objetiva, mensurável e contável, outras são do domínio subjectivo e não vão além da sua natureza de impressões e sensações” (BENTO, 2013, p. 45). Assim, recorremos a duas perspectivas de análise: a essência do esporte e b. eu-outro-mundo.

### a. A essência do esporte

A água, por si só, já traz sensações diferentes ao ser humano. Uma vez que a posição do corpo e o local não é àquela rotineira, implicações diretas a experiências são relacionadas. Seu empuxo e a densidade, alertam para condições de equilíbrio e deslocamento e, do ponto de vista filosófico, rememora o mais elementar: a concepção da vida e o embalar materno (BACHELARD, 1998). Das sensações que Ariel descreve, o ambiente líquido lhe traz calma. Ela enfatiza “*fico mais tensa quando estou fora da água*”.

Identificando-se com a figura mitológica, que personifica aspectos do mar, ela se auto declara como sereia. Ao lembrar que nascemos na água, a feição de Ariel pela água é gratificante “*é muito significativa nadar, sempre gostei de nadar, eu nasci na água, então isso é maravilhoso (...) Eu sou realmente uma sereia, eu amo água, mesmo gelada é uma delícia*”. Assim como as sereias, que habitam nas profundezas do oceano, a relação que a atleta criou com a água é de residência “*É muito bonito eu entrar na água e me sentir em casa, eu me sinto em casa quando estou nadando*”. Além disso, Ariel traz sensações diretas entre ela e a água, “*é uma delícia que a água acalma a barriga. Fico mais tensa quando não estou na água. Eu me sinto bem, confortável.*”

Para mais, as imagens escolhidas para o diálogo revelam mais detalhes do ser-esportista de nado artístico. Em uma das fotos, Ariel está posicionada com um sorriso leve. Seu cabelo está bem

preso e, ao que tudo indica, com a gelatina que demarca o cuidado para a não soltura de fios na água. Seus olhos dão o colorido para o rosto: um rosa demarca toda a pálpebra. No pescoço, o que parece ser tipicamente o colar de uma medalha. O que ela queria era isso: ser vista e notada.

Explicamos em etapas, reconhecendo o total sistêmico o que Ariel salienta “*mostrar nas apresentações o que a gente aprendeu é maravilhoso*”. Para ela, adquirir novas habilidades, treiná-las e mostrá-las completam o ciclo de aprendizado e da experiência. Então, a atleta revela “*se eu perder tudo bem, o que importa é que está todo mundo me vendo (...)*”. Se nos aportes históricos a pessoa com deficiência era “escondida” e não tinha protagonismo, Ariel revela que no ser fazer-esportivo ela está em evidência e é atriz principal.

Não nos surpreendeu que a atleta traria medalha/s para nossa conversa. A questão que nos instigou, no entanto, foi o significado do artefato. Neste quesito, a atleta não nos mostra uma, mas nove medalhas. Se a quantidade parece exagerada, a justificativa de Ariel é coerente: “*porque cada uma representa uma coisa diferente, cada uma mostra o seu ciclo. É maravilhoso quando eu vejo que cada um tem o meu nome. Se continuar assim eu vou crescer mais, eu vou evoluir mais*”. *Citius, Altius e Fortius*, ora se na sua essência a competição não é sobre isso: Se superar (GAYA, Adroaldo; GAYA, Annelise, 2013). Sob essa perspectiva, a nadadora não tem uma relação com a medalha de combatente, mas evoca experiências e seu mais íntimo: sua própria superação. Afinal, quem pratica esporte carrega consigo o tempo todo o ânimo pela busca de fazer sempre o melhor possível. É o princípio do auto rendimento (...) essencial ao esporte na perspectiva do praticante” (*Op. Cit.*, p. 48).

Seguindo, Ariel recorda “*o que eu mais gosto é treinar, nadar e faço sempre o meu melhor*” e continua: “*Tô lá para dar o meu melhor como atleta, o melhor que eu sei fazer. As medalhas só trazem alegria, mas não é o mais importante lá não*”.

Portanto, ainda que medalhas e experiências no nado artístico confirmem que há um comprometimento de Ariel na prática, ela não o considera como uma obrigação. Talvez, aqui, indícios do ser-esportista: quando você acessa um fazer que se apropria do estado do *flow* e a realização dos movimentos se conectam com o êxtase, ou prazer genuíno, da prática. Inclusive, Ariel revela: “*quando eu entrei na água eu nem sabia o que estava fazendo ali, que incrível, que incrível, foi maravilhoso, o que importa é que eu estava no lugar certo*”.

Na essência do esporte, buscar o melhor, *Arete*, é intrínseco ao ser-esportista. Ariel deixa isso claro na conversa: dar o melhor de si não é responsabilidade, apenas, nos eventos, mas também nos treinos rotineiros. Atletas revelam que seus feitos no esporte os tornam maiores. O mito do herói (RÚBIO, 2001) aí está para não os deixar mentir.

Prosseguindo, Ariel acrescenta:

*Ser atleta é dar o nosso melhor, dar o melhor nos treinos e mostrar nas apresentações o que a gente aprendeu é maravilhoso. Eu me sinto bem na água, então quanto mais gente vendo mais em casa eu sinto. Eu tô relaxada e é maravilhoso. Gosto de mostrar para o mundo o que eu sou. (...) Outra Ariel, muito mais emocionante, muito mais alegre.*

Quando participamos de eventos, sejam eles acadêmicos, esportivos, culturais, é comum que os participantes recebam um crachá. Do ponto de vista da gestão e logístico, uma fácil identificação e autorização de trânsito pelo espaço. Mas, do ponto de vista da experiência vivida, a identificação exposta no crachá do participante “atleta”, se revelou de suma, especial.

Ariel nos mostrou o crachá de uma competição internacional em que a inscrição “Atleta” está centralizada e chama mais atenção que o próprio nome. Uníssono ao crachá, o maiô da competição findou a sua identidade de atleta. Estampado na cor vermelha nos braços, quadril e cintura, azul no busto, com detalhes de pedrarias coloridas e nas costas com tela de transparência, Ariel revelou uma interessante característica do maiô com o nosso próprio corpo físico: *“parece que ele pesa, mas não pesa (o maiô). Só fora da água ele pesa, dentro da água não pesa. Dentro da água é ótimo, quando sai da água começa a incomodar.” Assim como nosso corpo, dentro da água parece mais leve e quando sai está mais pesado.*

De maneira cômica, Ariel ainda relacionou o objeto ao conforto iminente da prática *“Ficou bem bonito, mais bonito até, mais vibrante, o tecido é mais gostoso. Tem uns que me incomoda, que entra na minha bunda (risos), esse eu posso esticar e não entrar. É mais gostoso nadar, mais confortável, mais quentinho.”* O estético para ela teve uma relação mais profunda que não só aquilo que eu vejo, mas as sensações que trouxe a si mesmo.

Outro artefato escolhido por Ariel revela as fronteiras de uma foto. Ali não há movimento, mas o movimento é retratado. Ariel parece flutuar na água e fundir-se com ela. Seus braços estão fora da água, cruzados entre si e suas mãos parecem segurar uma bola de tênis entre dedos e punho. O que vemos é arredondado, circular e orgânico.

Então, é acionado o seu saber técnico. Como atleta, Ariel indica compreensão primorosa dos elementos. Explica situações em que deve fazer mais força, quando o comando é dos membros superiores e quando é dos membros inferiores. Esclarece que a coreografia atinge proporções artísticas pela variabilidade, originalidade e transições entre os movimentos que passam a ser gestos gramaticais que dizem e fazem sentido.

Além disso, sobre sua avaliação, vale destacar que Ariel não ignora, mas não se sente intimidada pela figura do árbitro/a: Ariel alerta que está sendo avaliada, ponto a ponto, centímetro por centímetro: *“O nado artístico tem outras pernas, outros movimentos, a coreografia também faz*

*parte, outras coisas que fazem parte da minha vida, que eu nunca tinha feito antes. Eu acho super legal”.*

Essa imersão do corpo na natureza, denominado por Andrieu e Nóbrega (2020) de eco coreografia, realça a experiência de sensações do corpo vivo, explorando novos espaços para a experiência corporal, suas impressões e outros entendimentos de expressão artística, além dos quadros estéticos clássicos da coreografia em direção a uma ecologia corporal. No nado artístico Ariel e água se fundem em um só ser.

No mais, as experiências em eventos esportivos passaram a ser comuns na agenda da atleta. Se de cunho competitivo ou de apresentação, os eventos aludem ao “corpo em festa e da alma transbordante de abertura ao mundo e à vida” (BENTO, 2013, p. 102-103). Os paradoxos vividos como atleta são evidenciados nos eventos. Euforia, alívio, nervosismo e calmaria são percebidos pela atleta:

*Sinto uma emoção muito forte, porque tem algumas coisas bonitas que eu tiro de cada apresentação.  
[...] Em 2019 foi muito emocionante, eu chorei muito, foi muito maravilhoso pra mim, eu ganhei um monte de medalhas, foi muito emocionante pra mim.*

## **b. Eu-outro-mundo**

Dos variados sentimentos, a relação plateia, árbitros e pais é explícita para Ariel. Inclusive com estratégias para sobrepor àqueles mais negativos, como o nervosismo:

*Atrás dos jurados têm as famílias, quando eu olho lá tem a minha mãe, então quando eu olho para lá fico tranquila. Eu não olho para os jurados, eu olho pra cima e fico mais calma e vou bem, é maravilhoso, o que me acalma são meus pais, minha mãe e meu pai, não importa que tem o mundo inteiro, o que importa é que estou com eles.*

Teorias sociais coadunam com os nossos achados. Relações sociais entre familiares e amigos são potencializadas na experiência de Ariel “*Porque eu tenho amigos e vou me divertir, (...) estou com a minha família. Isso que importa pra mim, é maravilhoso*”; “*tô lá pra me divertir e tenho amigos*”.

Do ponto de vista da fenomenologia, somos e estamos no mundo como corpo e este recebe o tempo todo as interferências vividas. Cada situação do mundo vivido adentra o mais íntimo do ser. Então, o que é absorvido nos ambientes esportivos, refletem no cotidiano da atleta. Se lá ela pode (e é) esse ser-social, suas reivindicações perpassam, também, situações para além da piscina. Sua ideia de sociedade e a importância do outro em si mesma é destacada quando Ariel enfatiza “*é muita felicidade, me sinto feliz pelos outros e por mim mesma também*”.

No dizer de Savater (2001, p. 65), “ser-se humano (...) consiste principalmente em ter relações com outros seres humanos”. A graça da vida e das suas coisas está no fato de elas permitirem que nos relacionamos mais favoravelmente com os outros. Dito de outro modo, “a vida humana boa é vida boa entre seres humanos ou, caso contrário, pode ser que seja ainda vida, mas não será nem boa nem humana” (Op. Cit., 2001): *Sinto, sei lá, entrando numa piscina, muitos amigos bem positivos me deixando pra cima (Ariel)*.

Ora, se desde a introdução do esporte na escola de Stoke Mandeville as justificativas se voltaram às questões da integração social (DA COSTA; SOUSA, 2004), não nos surpreende que nosso dado tenha revelado tal assunção. Quando a atleta relata sua vivência com os colegas, logo pensamos no fator social e do “estar com o outro” e o quanto o esporte pode auxiliar nessa convivência não só durante os treinos quanto na vida cotidiana. Outrossim, coaduna com estudos de Seron e colaboradores (2021, p. 11), quando revelam que reaver potencialidades da pessoa com deficiência pelo esporte “é ímpar no combate ao capacitismo e à segregação social, contribuindo de maneira decisiva na valorização das diferenças”.

A relação da experiência vivida no esporte com as viagens também foi latente para Ariel. Sair da rotina, encontrar outros “olhares”, fazer viagem acoplada com o nadar é marcante:

*Quero fazer mais lá em Cancun. Eu senti um conforto das pessoas especial. É fora de São Paulo, então isso é maravilhoso, não sei, pra mim é fantástico tudo isso, bom demais, eu gosto de ir viajar, é melhor com o nado.*

O processo de escuta e acesso à experiência vivida parece infinito e o é. Se considerarmos que ser corpo é ser-no-mundo e, portanto, existência, é polissêmico e inacabado (MERLEAU-PONTY, 2018). Ainda que subjetivo, potencializa caminhos para novos adeptos. Ainda que único, há evidências políticas que *dão suporte para todos*. Ainda que Ariel tenha discursado “não tenho muita coisa pra dizer, sabe?”, ela, ali, concorda com Bento (2013, p. 76): ninguém prática desporto verdadeira e essencialmente pelas razões que consegue afirmar ou pelas causas que ficam bem à vista. A dureza do esforço é suportável por razões que transcendem os pretextos dizíveis e visíveis.

Desse modo, ainda que Ariel tenha experiências únicas do seu corpo-próprio, espera-se que possa acionar o respeito, empatia e alteridade daqueles que pelo, do e o esporte admira/ trabalha e vive: será que deveríamos chamá-la de paratleta? Ou bastaria, atleta? Será que deveríamos retomar constantemente que ela é uma pessoa com Síndrome de Down?

No final de divagações que ainda emanam em nosso pensar, optamos por apresentar Ariel como sujeito que é: um sujeito, praticante de nado artístico, que representa seu clube e nosso país em eventos esportivos. Que tem percebido e se percebe como esportista, como de fato é.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas que relacionam diretamente as práticas esportivas e a pessoa com deficiência nos dão subsídios para defendermos a inserção do esporte para esse público. No entanto, por meio da abordagem fenomenológica, trouxemos à tona as percepções vividas por uma nadadora com Síndrome de Down. Assim, as reflexões valorizaram o ser-esportista em sua essência, independentemente de suas condições.

O corpo que se expressa no mundo por meio do nado artístico se percebe na relação com a arte. Seus gestos transcendem o pensar e alcançam o mover. Mover este, carregado de significados, sentimentos, histórias. Logo, se reconhece a si mesmo e ao outro, pelas interpretações gestuais singulares.

Ainda que pareça utópico, concebemos que o acesso ao esporte seja para todos, mas o pensar e viver esporte também. Dessa forma, para as pessoas com deficiência, sejam oferecidos estrutura, profissionais, conhecimento, atitude em prol da formação de atleta e/ou a vida ativa, em toda sua plenitude. Pautadas nos pilares básicos da educação do século XXI da Unesco, pelo esporte esperamos que a pessoa com deficiência: Aprenda a conhecer o esporte e, para isso ter opções e escolhas; aprenda a ser no esporte e, portanto, reconheça seus limites e potencialidades; aprenda a fazer, diferente e de variadas formas e aprenda a conviver, mas sem apêndices, sendo protagonistas e resistindo a hegemonias.

Em síntese, revelar a percepção da experiência da nadadora pode inferir em mais respeito e afeto pelos profissionais envolvidos com e no esporte, mais oportunidade e locais de prática suportados por políticas públicas, mais práticas corporais e poder de escolha pelas pessoas com Síndrome de Down e mais acesso e maior permanência no esporte. Enfim, um processo inclusivo, de fato.

## REFERÊNCIAS

ANDRIEU, Bernard; NÓBREGA, Terezinha Petrucia. **Emergir na Natureza**: ensaios de Ecologia Corporal. São Paulo: LiberArts, 2020.

AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTE DISABITIES. **Defining criteria for intellectual disability**. 2023 Disponível em: <https://www.aaid.org/intellectual-disability/definition>. Acesso em 22 de maç. de 2023.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARROZO, Amanda Faria, *et al.* Acessibilidade ao esporte, cultura e lazer para pessoas com deficiência. São Paulo: **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 12, n. 2, p. 16-28, 2012. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/11217>

BENFICA, Dallila Tâmara. **Esporte paralímpico**: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Aspectos sócio-culturais do movimento humano; Aspectos biodinâmicos do movimento humano) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.

BENTO, Jorge Olímpio. **Desporto**: Discurso e substância. Porto: Campo das letras, 2 ed. 2013.

BICUDO, Maria Aparecida. **Pesquisa qualitativa**: segundo a visão fenomenológica. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília 2017b. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) [internet]. Diário Oficial da União. 7 Jul 2015. Disponível em: [https://www.cnmp.mp.br/portal/images/lei\\_brasileira\\_inclusao\\_pessoa\\_deficiencia.pdf](https://www.cnmp.mp.br/portal/images/lei_brasileira_inclusao_pessoa_deficiencia.pdf) . acesso em 23 mar. 2023.

CARBINATTO, Michele Viviene. Por uma prática corporal que reconheça a corporeidade do vivente In: SALERNO, Marina Brasiliano; CARBINATTO, Michele Vivienne. **Ginástica e a pessoa com deficiência**: reflexões e encaminhamentos práticos. Curitiba: Editora Bagai, p. 13-32, 2022.

CARBINATTO, Michele Viviene e colaboradores. Produção do conhecimento em ginástica: uma análise a partir dos periódicos. Porto Alegre: **Movimento**. v. 22, n. 4, p. 1293-1308. 2016b. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.61223>

CARDOSO, Vinicius Denardin. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.l.]. v. 33, n. 2, p. 529–539, abr. 2011.

CARDOSO, Vinicius Denardin; GAYA, Adroaldo Cesar. A Classificação Funcional no esporte paralímpico. Campinas, SP: **Conexões**, v. 12, n. 2, p. 132-146, abr./jun. 2014. <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000200017>

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Código nacional de classificação esportiva paralímpica**: Regras, política e procedimentos de classificação esportiva paralímpica. CPB. jan. 2023. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/upload/link/25750e490faf4dffbaa6f985928e35d6.pdf>. Acesso em 21 mar. 2023.

DA COSTA, Alberto Martins; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 27- 41, 2004.

DA SILVA, Cláudio Silvério; WINCKLER, Ciro. **O esporte paralímpico brasileiro, a educação física e profissão**. São Paulo: CREF4/SP, 2019.

DA SILVA, Enoly Cristine, et al. **Produção do conhecimento sobre competição esportiva: discursos e lacunas**. Em construção. S/A

DALL'ACQUA, Josiette Lunkmoss; DALL'ACQUA, Flávia Liz Lunkmoss. **A aprendizagem do nado sincronizado**. Curitiba: CRV, 2016.

FUGITA, Meico; PONCIANO, Kátia Regina. Nado Sincronizado: características da modalidade e aspectos para ensino. Paraná: **ACTA Brasileira do Movimento Humano**, v. 3, n. 3, p. 99-116, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/actabrasileira/article/view/2880/2157>

GAYA, Adroaldo; GAYA, Anelise. Palavras do filósofo sobre o esporte. p.: 41-55. In: NASCIMENTO, Juarez Vieira; TAVARES, Valmor Ramos, Fernando (Orgs.). **Jogos desportivos: formação e investigação**. – UDESC. Florianópolis, 2013.

GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da. **Atividade física Adaptada: Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2 ed. Barueri, SP: Manole, 2005.

HOWE, David; JONES, Carwyn “Classification of disabled athletes: (dis)empowering the Paralympic practice community”. **Sociology of Sport Journal**, n. 23, mar., p. 29-46, 2006.

LEITE, Maria Luísa Morais Pereira. **Natação sincronizada: carreira passo a passo**. 2013. 84 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências do Desporto) - Especialização em Avaliação e Prescrição Na Atividade Física, Universidade De Trás-Os-Montes e Alto Douro Vila Real, 2013.

LIMA, Letícia Bartholomeu de Queiroz *et al.* A produção acadêmica em ginástica na pós-graduação em educação física das universidades estaduais de São Paulo. Taguatinga, DF: **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 24, n. 1, p. 52-68, 2016.

MAXWELL, Joseph. **Qualitative research design: An interactive approach**. Sage publications, 2012.

MELO, Mércia Lima de. Nado artístico: a sincronia do corpo para a educação física. 2022. 73f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Fisioterapia) - Departamento de Fisioterapia, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

NÓBREGA, Tereza Petrucia da. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira (Orgs.). **Merleau-Ponty e a Educação Física**. São Paulo: LiberArts, 2019.

RÚBIO, Kátia. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SANTOS, Clara Miranda; RAIMUNDO, Carlo Filipe Evangelista. O método qualitativo e a abordagem fenomenológica: características e afinidades. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Oct - dez. 2017. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2017/04/metodo-qualitativo.html>

SALERNO, Marina Brasiliana; MIYASHIRO, Vieira de Lima Miyashiro. Ginástica e reflexões para a superação do capacitismo: aspectos históricos e culturais das diferenças. In: SALERNO, Marina Brasiliana; CARBINATTO, Michele Vivienne. **Ginástica e a pessoa com deficiência: reflexões e encaminhamentos práticos**. Curitiba: Editora Bagai, p. 33-48, 2022.

SANTOS, Ana Raquel Mende, *et al.* Ansiedade pré-competitiva em jovens atletas de nado sincronizado: uma análise à luz dos aspectos emocionais. Maringá, PR: **Rev. educ. Fis / UEM**, v. 24, n. 2, p. 207- 214, 2013. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v24.2.16024>

SAVATER, Fernando. **As perguntas da vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SERON, Bruna Barboza; GREGUOL, Márcia. **Esporte Paralímpico na Educação Física: um Facilitador no processo de inclusão**. In: SERON, Bruna Barboza; BRANDOLIN, Fábio. **Experiências no Esporte Paralímpico: Um passo a favor da inclusão**. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, p. 36-55, 2020.

SERON, Bruna Barboza; SOUTO, Elaine Cappellazzo; MALAGODI, Bruno Marson; GREGUOL, Márcia. O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista – dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. Porto Alegre: **Movimento**, v. 27, e27048, 2021, p. 01-14. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.113969>

SIMIM, Mário Antônio et al. O estado da arte das pesquisas em esportes coletivos para pessoas com deficiência: uma revisão sistemática. Uberaba, MG: **Arquivos de Ciências do Esporte**, Mato Grosso. v. 6, n. 1, 2018. <https://doi.org/10.17648/aces.v6n1.2526>

SOUZA, Karin Kovalski de *et al.* Produção científica sobre natação em língua portuguesa: uma análise bibliométrica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.l.] v. 44, e20220037, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/gH7ZbHrwRLCBWDbMStDS4cj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 març.2023

SOUZA, Doralice Lange; SILVA, Marcelo Moraes; MOREIRA, Tatiana Sviesk. O perfil da produção científica online em português relacionadas às modalidades olímpicas e paralímpicas. Porto Alegre: **Movimento**, v. 22, n. 4, 1105-1120, out./dez. de 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115349439007.pdf>. Acesso em: 12 març. 2022.

TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte paralímpico: difícil inclusão, incorporação tecnológica, corpos competitivos. Paraná: **Práxis Educativa**, v. 12, n. 2, p. 536-550, 2017. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.12i2.0014>

## NOTAS DE AUTOR

### AGRADECIMENTOS

Agradecemos o projeto *Inspira* pelo apoio para a realização da pesquisa. Agradecemos a atleta que, gentilmente, concedeu a entrevista. Aos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ginástica da USP (GYMNUSP) que auxiliaram nas reflexões aqui expostas.

**CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA** - Não se aplica.

### FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

**CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM** - Não se aplica.

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Aprovação do Comitê de Ética, 30/10/2018, CAAE 80426517.4.0000.5391.

**CONFLITO DE INTERESSES** - Não se aplica.

### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

### EDITOR DE SEÇÃO

Bianca Poffo

### REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

### HISTÓRICO

Recebido em: 20.04.2023

Aprovado em: 03.08.2023